



## A ANÁLISE LINGUÍSTICA (AL) NO ENSINO DE LÍNGUA ALEMÃ (LA) E OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE

Tatiane Horst – UNIOESTE

Vanessa Luana Schmitt – UNIOESTE

Prof.<sup>a</sup> Orientadora: Elisangela Redel – UNIOESTE

**RESUMO:** O ensino de gramática nas línguas estrangeiras recebeu diferentes enfoques ao longo da história do ensino de línguas, figurando em ambos os extremos: desde a sua idolatria até a sua completa aversão, nos últimos tempos. Para aqueles que vivenciam a prática docente nas salas de aula, todavia, é, ainda, um grande desafio aliar o ensino de gramática a uma prática interacionista e comunicativa. A LA, em especial, oferece uma dificuldade particular neste sentido, sendo considerada por muitos uma língua difícil e bastante “gramatical”, algo que deve ser desmistificado pelos docentes. Para além disso, faz-se necessário que o docente, mais do que ensinar ao aluno a se comunicar na língua estrangeira, o exponha a diversas formas de construção do conhecimento, de modo que ele alcance seus objetivos de aprendizagem de acordo com a sua individualidade. Neste sentido, apresentamos, neste trabalho, o projeto de extensão “Sprechen Sie Deutsch? Ensino de alemão para a comunidade”, refletindo como o docente desenvolve a AL nas aulas de LA, com base na pedagogia crítica e no conceito de multiletramento. Para a realização do trabalho nos baseamos nos pressupostos teóricos de Uphoff (2008), Schäfer (2013), Garcia (2002) e Lima (2014).

**PALAVRAS-CHAVE:** Deutsch als Fremdsprache (DAF); Análise linguística; Multiletramento.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o projeto de extensão “Sprechen Sie Deutsch? - Curso de Alemão para a comunidade” com o propósito de refletir sobre o trabalho com a análise linguística com base em uma pedagogia crítica e no conceito de multiletramento. Acredita-se que, desta forma, por meio dos conhecimentos construídos por meio dessa discussão, é possível aprimorar o ensino da língua alemã que vem sendo desenvolvido na Unioeste, campus de Marechal Cândido de Rondon.

Em um primeiro momento, apresentar-se-á o funcionamento do projeto “Sprechen Sie Deutsch? - Curso de alemão para a comunidade”. Em seguida, propõem-se uma reflexão sobre como a gramática é vista por professores e estudantes. Pretende-se reiterar, portanto, a importância de se trabalhar a gramática por meio da análise linguística.

### O PROJETO DE EXTENSÃO “SPRECHEN SIE DEUTSCH? - CURSO DE ALEMÃO PARA A COMUNIDADE”

O projeto “Sprechen Sie Deutsch? - Curso de alemão para a comunidade” é vinculado ao Programa de Línguas (PROL) e iniciou definitivamente as suas atividades em abril de 2017, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), câmpus de Marechal Cândido Rondon. As inscrições para o curso foram abertas ao público adulto e jovem, cujo valor



investido semestralmente por cada aluno é de 200 reais. A equipe que desenvolve o projeto é composta pela coordenadora Elisângela Redel, sub-coordenadora Letícia Schach, colaborada Vanessa Luana Schmitt e as professoras Tatiane Horst e Miria Gundt.

A atividade extensionista abrange, ao todo, três turmas, duas em nível básico (Básico I) e uma em nível intermediário (Intermediário I). As aulas em nível básico ocorrem sempre às segundas-feiras e terças-feiras, e as aulas do nível intermediário são realizadas aos sábados, sendo que cada encontro tem duração de duas horas-aula. O projeto obteve três turmas no primeiro semestre e continua com o mesmo número de turmas no segundo. Grande parte dos estudantes que se interessaram e estão fazendo o curso são das áreas de Zootecnia, Direito e Agronomia.

A realização do projeto, além de possibilitar ao público interno da universidade o acesso à aprendizagem da Língua Alemã, possibilitou que pessoas providas da comunidade externa pudessem, também, estar aprendendo este idioma. É importante ressaltar que, assim, com o contato da sociedade com o curso de Letras Português-Alemão, contempla-se um dos objetivos dos projetos de extensão em geral: que o conhecimento não fique apenas na academia, mas possa, também, trazer benefícios para a comunidade na qual a universidade está inserida.

Ademais, é sabido que para que se tenha acesso a programas de intercâmbio acadêmico, exige-se certa proficiência na língua do país alvo. Neste sentido, o projeto vem para respaldar e incentivar estas pessoas no aprimoramento acadêmico e na conquista de seus objetivos.

Além de proporcionar ao público-alvo do curso de extensão a oportunidade de acesso a aprendizado no exterior, o que parece ser um dos principais objetivos dos alunos, cabe ao projeto contemplar, também, os interesses daqueles que têm a LA como língua de herança e que, assim, visam conhecer a cultura e a língua de seus antepassados, com as quais possuem laços de afetividade que merecem ser continuados.

## **O ENSINO DE GRAMÁTICA NO PROJETO DE EXTENSÃO: REFLEXÕES SOBRE A TEORIA E A PRÁTICA**

Apesar de toda a afetividade ou deslumbramento que a LA possa oferecer aos seus estudantes, um elemento é preponderante e incisivo para a permanência ou abandono de cursos de LA: a gramática. Amada por alguns, odiada por tantos outros, ela tem o poder de desmotivar o aprendizado de uma língua quando é trazida de forma descontextualizada, em primeiro plano, na aula de língua estrangeira. É incoerente que o professor, com base em um modelo arcaico de ensino, em que se enfatiza a gramática em detrimento da análise dos efeitos de sentido que o texto produz, rompa com este laço de afetividade que envolve os alunos e que os mobilizou a buscar conhecimento em sala de aula.

Quando falamos sobre modelo arcaico de ensino, é importante ressaltar que não pretendemos voltar ao passado, no sentido de afirmar que uma teoria ou método de ensino mereça se sobrepor aos que os antecederam, anulando-os. Pelo contrário, está-se em diálogo com a Teoria Pós-Método, em que „dizer que não existe o melhor método significa que nenhum método pode ser o melhor para todos, à medida em que há importantes variações no contexto de ensino que influenciam na escolha do melhor método.”<sup>39</sup>.

Por conseguinte, não rejeita-se de todo o trabalho desenvolvido no Método de

<sup>39</sup> Tradução livre de :“That there is no best method therefore means that no single method is best for everyone, as there are important variations in the teaching context that influence what is best. (PRABHU, 1990, p. 162)



Gramática e Tradução (LEFFA, 2016), mas considera-se a sua aplicação dosada e pontual nas aulas de LA.

Durante o primeiro semestre de desenvolvimento do projeto de ensino de LA, foi visível a aversão de alguns pelo estudo de elementos gramaticais da língua. Esta aversão foi especialmente exteriorizada por um aluno egresso de um curso de língua inglesa nos seguintes termos: “foi por causa da gramática que deixei o curso de inglês”. Essa foi, com certeza, uma advertência de que seria preciso “ir com calma” e desenvolver o trabalho com a gramática por meio de textos, de forma mais implícita..

Mas, por que o estudo de itens gramaticais causa tanto horror nos alunos? Talvez más experiências anteriores neste sentido tenham contribuído para uma visão deturpada do seu estudo, de forma a não permitir aos alunos perceber a importância da análise linguística no estudo de línguas, inclusive na língua materna.

É necessário desmistificar a falsa ideia de que a análise linguística precise ser enfadonha ou vazia de sentido. Para Teixeira (2011, p. 163), “[...]através das atividades da ‘análise linguística’ (AL), o professor poderá levar os alunos a compreender os aspectos sistemáticos da língua e a utilizar consciente e eficientemente os recursos da língua”. Ou seja, é preciso mostrar a importância do conhecimento das estruturas e do funcionamento de uma língua para a sua correta utilização. Para Geraldí (1997, p. 74), a AL “inclui tanto o trabalho com questões tradicionais da gramática quanto questões amplas a propósito do texto”. É por isso que “aprender gramática” é importante, não é o bastante. Faz-se necessário que o professor desenvolva aulas em que o ensino de estruturas gramaticais esteja em plano de fundo. Mas como desenvolver tais aulas?

A aula de língua estrangeira necessita, muito mais do que prover ao aluno expressões idiomáticas “curingas” que o permitirão aprender rapidamente a se comunicar em terras estrangeiras, trazer para a sala de aula temas que interessem os alunos e que os façam refletir sobre seu papel como falantes da língua em sociedade e sobre as relações interculturais com as quais estará envolvido durante a utilização da língua que está aprendendo.

Para Almeida Filho:

A aula é o evento (social, físico, ritualizado) que organiza e permite vivenciar experiências com e na língua-alvo, com o fim último de desenvolver uma competência linguístico-comunicativa na língua-alvo. A aula contemporânea, ainda de fundo gramatical, compõe-se de ações com as funções de apresentar, praticar (o modelo APP) pontos selecionados de ensino e produzir seletiva e controladamente linguagem que faça uso dessa porção de língua apresentada e praticada. Essas macrofunções se dão geralmente numa estrutura quadrifásica que vai do estabelecimento de clima e confiança (aquecimento) a um fecho de retorno à realidade exterior à sala passando por uma apresentação (de ensino de pontos novos) e por um ensaio de usos possíveis dos pontos introduzidos. (ALMEIDA FILHO, 2015, p. 71)

Também conforme Almeida Filho (2013, p. 92), “é diferente aprender a regra (conhecimento sobre a língua) de aprender o uso da língua (conhecimento da língua para realizar tarefas através dela)” e “a cognição humana é muito mais versátil do que nos faz crer essa concepção simplista de que o ensino de X é igual à aprendizagem de X” (ALMEIDA FILHO, 2013, p. 93).

A solução, para Almeida Filho, seria o professor



se servir do uso extensivo de recursos não-verbais e quadros de percepção imediata, focalizar unidades de discurso específicas e aproveitar sequências e combinações específicas de funções comunicativas, estruturas e vocabulário usados na (re)construção de textos. Isto representaria, em resumo, reconhecer um laço estreito entre a gramática e a coerência global do discurso comunicativo.” (ALMEIDA FILHO, 2013, p. 97)

Dessa forma, é necessário que se apresente o texto em primeiro plano e que se permita ao aluno descobrir a gramática através da leitura, ou seja, em uso, sem que precise passar por um processo traumático de exposição à gramática, para depois visualizar a sua aplicação em exemplos.

De forma a orientar o trabalho dos docentes de língua estrangeira, as Diretrizes Curriculares de Educação Básica do Paraná (DCEs) (2008) concebem que

Um dos objetivos da disciplina de Língua Estrangeira Moderna é que os envolvidos no processo pedagógico façam uso da língua que estão aprendendo em situações significativas, relevantes, isto é, que não se limitem ao exercício de uma mera prática de formas linguísticas descontextualizadas. Trata-se da inclusão social do aluno numa sociedade reconhecidamente diversa e complexa através do comprometimento mútuo. (BRASIL, 2008, p. 57)

A partir do momento em que o enfoque do ensino não está mais no ensino da gramática, mas sim na compreensão de textos a partir de uma análise linguística contextualizada, tem-se espaço para o estabelecimento de uma pedagogia crítica na forma de multiletramentos.

trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) novas tecnologias de comunicação e de informação (“novos letramentos”), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático — que envolvam agência — de textos/discursos que ampliem o repertório cultural na direção de outros letramentos, valorizados (como é o caso dos trabalhos com hiper ou nanocontos) ou desvalorizados (como é o caso do trabalho com picho). (ROJO, 2012, p. 8 *apud* LIMA, 2015, p. 331)

Nesse sentido, os próprios documentos orientadores da prática docente, como as DCEs e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio ressaltam que a aula de língua estrangeira deve ser um “espaço para ampliar o contato com outras formas de conhecer, com outros procedimentos interpretativos de construção da realidade” (BRASIL, 2008, p. 53), algo que só pode acontecer à medida em que a abordagem direta da gramática deixe espaço para que o aluno possa refletir também, sobre o que está lendo e ouvindo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim sendo, acredita-se que o trabalho com multiletramentos, leitura crítica de textos e análise linguística permita que o aluno perceba a língua em seu uso, e desenvolva, dessa forma, a capacidade comunicativa na língua estrangeira, sentindo-se, assim, mais motivado a aprender.



Isso só é possível se o professor de língua estrangeira trazer para a sala de aula textos autênticos e que oriente os alunos a atentarem-se aos sentidos produzidos pelo texto, sem que este seja um pretexto para a aprendizagem de elementos gramaticais.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. *Quatro Estações no Ensino de Línguas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. 2. Ed.
- \_\_\_\_\_. *Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas*. Edição comemorativa – 20 anos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. 7. Ed.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2017.
- CELANI, M. A. A. Ensino de línguas estrangeiras: ocupação ou profissão? In: LEFFA, Vilson J. (Org.) *O Professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão*. Pelotas: EDUCAT, 2008. pp. 23-44.
- FLORES, Cristina; MELO-PFEIFER, Silvia. O conceito “Língua de Herança” na perspectiva da Linguística e da Didática de Línguas: considerações pluridisciplinares em torno do perfil linguístico das crianças lusodescendentes na Alemanha. In: *Domínios de Lingu@gem*. V. 8, n.3. Ago./ dez. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/24736/15191>> Acesso em: 25 set. 2017.
- GARCIA. A.M. *O que você aprendeu hoje?* crenças discentes acerca do conteúdo programático de aulas comunicativas de alemão como língua estrangeira. Disponível em:[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-18132012000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132012000200005). Acesso em: 17 de ago. 2017.
- GERALDI, João Wanderley. Unidades básicas do ensino de português. In: \_\_\_\_\_. *O texto em sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997. p. 59-79.
- LEFFA, Vilson J. *Língua Estrangeira: ensino e aprendizagem*. Pelotas: EDUCAT, 2016.
- \_\_\_\_\_. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *O Professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão*. Pelotas: EDUCAT, 2008. pp. 353-376.
- LIMA, A. C. T. “Tem que ser uma gramática que sirva para que o aluno fale”: refletindo sobre as crenças de professores acerca do ensino de gramática em língua inglesa. *Revista Línguas & Letras*: Unioeste. Vol. 31, 2014.
- SCHÄFER, A. C. A gramática alemã sobre a perspectiva de seus aprendizes. *Pandemonium*, São Paulo: v.16, nº21, 2013. p.190-213
- UPHOFF, D. A história dos Métodos de Ensino de Inglês no Brasil. In: BOLOGININI, Carmen Zink. *A língua inglesa na escola*. Discurso e Ensino. Campinas: Mercado de Letras, 2008, p. 9-15.
- TEIXEIRA, Claudia de S. Ensino de gramática e análise linguística. In: *Revista Ecos*. V.11, n.2, 2011.